

Lina Bo Bardi *reloaded*: vestígios, memórias, latências¹

Ana Carolina de Souza Bierrenbach

Arquiteta e urbanista, historiadora, professora doutora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, Rua Caetano Moura, 121, Federação, CEP 40210-905, Salvador, Bahia, acbierrenbach@gmail.com

Eduardo Pierrotti Rossetti

Arquiteto e urbanista, professor doutor e pesquisador da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Asa Norte, CEP 70904-970, Brasília, DF, (61) 3107-7441, rossettifau@unb.br

Resumo

O artigo aborda a obra de Lina Bo Bardi em Salvador, explorando as transformações que tanto as obras de arquitetura, como o projeto urbano para o Centro Histórico sofreram nos últimos 25 anos. Assim, entre a concepção e a situação atual do quadro da cidade é possível recuperar o sentido de comemorar o centenário de Lina Bo Bardi sem incorrer em nostalgia, apontando para uma investigação crítica das transformações, para as quais concorrem as abordagens sobre a gestão da cidade e de seu espaço público. Interessa fomentar uma discussão para retomar criticamente a obra e as questões de Lina Bo Bardi sem ignorar os processos de destruição de sua obra.

Palavras-chave: Lina Bo Bardi, Salvador, patrimônio.

“Não: não quero nada. Já disse que não quero nada. Não me venham com conclusões! A única conclusão é morrer. Não me tragam estéticas! Não me falem em moral!” Fernando Pessoa “Lisbon Revisited”

“Senhor, com os defeitos que tem ela, Sem amigos, por nós recém-odiada, Com maldição por dote, repudiada, A tomais ou deixais?” Rei Lear – W.Shakespeare

O ano de 2014 foi permeado pela comemoração difusa do centenário de Lina Bo Bardi, que de fato se deu no dia 5 de dezembro, uma sexta-feira, dia de Oxalá! Datas redondas são efemérides propícias para rememorar, sendo tomadas como pretextos para seminários, lançamentos de livros, exposições, debates, artigos e matérias jornalísticas, seja sob aplausos ou toda sorte de críticas. Com Lina Bo Bardi isso não foi diferente e seu nome esteve constantemente presente ao longo de 2014, quase que como um lembrete de que aquela mulher que nasceu em Roma, formou-se arquiteta, casou-se com Pietro Maria Bardi, mudou-se para o Brasil, morou em São Paulo e Salvador, conseguiu de fato desenvolver uma trajetória profissional atuando nas

múltiplas instâncias do fazer arquitetônico moderno.

O domínio das técnicas modernas sempre foi concomitante ao seu interesse por materiais não industriais, gerando resultados plásticos singulares e autênticos que mantém ativa a tensão moderno/popular em tudo o que Lina Bo Bardi concebeu, projetou e edificou. Sua atuação se desenvolveu pautada no interesse pelo campo da cultura brasileira, permanecendo atenta às suas matrizes e ao potencial latente e transformador da cultura popular. Deste modo, Lina construiu uma obra que se desdobra em escalas e suportes diversos incluindo mobiliário, desenho gráfico, cenografia, edição e diagramação de revistas e jornais; ou solucionando programas

¹ O presente artigo desdobra e amplia questões exploradas no artigo “Lina Bo Bardi revisited: como lembrar, esquecer, destruir e retomar”, apresentado no 5º. Seminário DOCOMOMO N-NE, Fortaleza/CE, novembro/2015. Trata-se do segundo artigo de uma trilogia em construção: revisited, reloaded... depois: refused(?), regretted(?)...

² Curioso lembrar que tanto este livro como os demais livros monográficos lançados naquele momento foram batizados de “livrão”, evidenciando um mercado editorial com poucos títulos em que havia o “livrão” da Lina, o “livrão” do Lucio e o “livrão” do Artigas.

³ A revista *Caramelo* n.º 4 foi lançada em 1992 pelo GFAU (USP) e continha um caderno especial dedicado à Lina Bo Bardi.

⁴ Para o entendimento de *campo da arquitetura* na perspectiva de Pierre Bourdieu vide “*O círculo privilegiado. Fundamentos sociais da distinção arquitetônica.*”

⁵ Os estudos acadêmicos sobre Lina Bo Bardi incluem teses e dissertações que podem ser facilmente localizadas nos repositórios universitários. Além dos trabalhos dos autores, destaca-se os trabalhos publicados de Olívia de Oliveira “*Lina Bo Bardi – sutis substâncias da arquitetura*” (2006); “*A ação cultural de Lina Bo Bardi na Bahia e no Nordeste (1958-64)*” (2007) de Juliano Pereira; “*Ordem e origem em Lina Bo Bardi*” de Vera Luz. Atualmente a FAU-UnB inclui Lina Bo Bardi nos estudos de gênero do Grupo de Pesquisa *Mulheres Invisíveis*, que em novembro/2014 promoveu uma semana de debates e reflexões sobre a condição da mulher no campo da arquitetura.

⁶ Nota-se que a partir do projeto do SESC-Pompeia a arquiteta contou com a colaboração de jovens arquitetos, dentre eles destacam-se: Marcelo Carvalho Ferraz, André Vainer e Marcelo Suzuki.

⁷ O seminário “*Centenário de Lina Bo Bardi (1914-2014). Tempos vivos de uma arquitetura*” foi organizado pela Universidade Federal da Bahia, sob coordenação de Ana Carolina de Souza Bierrenbach e Carla Zoelinger. Ocupando o Solar do Unhão e a Casa do Benin, em três dias foram realizados debates, mesas-redondas e visita aos espaços de Lina Bardi em Salvador. Destaca-se a participação do arquiteto Marcelo Suzuki e Olívia de Oliveira, dentre outros. ... continua próxima página...

modernos, restaurando e projetando espaços de convivência que também participam da construção do espaço da cidade.

Há pouco mais de vinte anos, no começo dos anos 90, foi lançado o livro “*Lina Bo Bardi*”, cuja coordenação editorial ficou a cargo do arquiteto Marcelo Carvalho Ferraz, que colaborava com a arquiteta desde o projeto do SESC-Pompeia. Além de demarcar a atuação do Instituto Lina Bo e P.M.Bardi, o lançamento do livro foi acompanhado de uma exposição itinerante que, de fato, circulou o mundo.² A ampla divulgação do nome de Lina Bo Bardi e de sua obra complexa, difícil de ser classificada em meio a um debate interno pouco consistente entre modernismo e pós-modernismo, semeou interrogações e interjeições. Se antes havia reclusão e afastamento da arquiteta, ou se o campo se configurava mais ou menos refratário a sua personalidade, daquele momento em diante Lina Bo Bardi estaria completamente na berlinda. Um fenômeno impensável depois de seu falecimento em 20 de março de 1992, diante dos modestos sinais iniciais de exposição de sua obra e sua *persona* através de páginas de jornal, reportagens de TV, ou do exemplar da revista universitária *Caramelo*.³

Deste então, houve um processo crescente de estudos —através de pesquisas de iniciação científica, mestrados e doutorados— que perfazem um volume surpreendente de abordagens, recortes e enfoques sobre seus edifícios projetados, sobre suas poucas obras construídas, sobre seus figurinos e cenários para teatro, sobre suas casas, sobre seu interesse por cultura popular, restauração; sobre seus desenhos e sobre seus escritos. Na dinâmica movimentação acadêmica, a obra de Lina Bo Bardi tomada como assunto fermentou, cresceu e revigorou os valores, os olhares e o lugar de Lina Bo Bardi no campo da arquitetura e da cultura brasileira.⁴ Se outrora o interesse de pesquisa tangenciava sua obra através do MASP ou do SESC-Pompeia, hoje as multiplicidades e especificidades com que seus arquivos são explorados surpreendem mesmo àqueles que, como nós, começaram a pesquisá-la neste momento inaugural, quando ainda havia dúvidas sobre sua relevância.

Longe de pretender estabelecer um *ranking* incluindo outros arquitetos que também são e/

ou foram objetos de pesquisas sistemáticas para saber qual a posição de Lina Bo Bardi, seu destaque é patente. Hoje, Lina Bo Bardi permanece sendo estudada sob inúmeras perspectivas epistemológicas dentro e fora dos campos da arquitetura e do urbanismo, tanto no Brasil como alhures, o que indica sua valorização e evidencia a estratégia bem sucedida de divulgação de sua obra.⁵ O fato de haver uma instituição que cuide da obra e possibilite o acesso a documentos, desenhos e toda sorte de informações sobre o casal Bardi contribui muito para que houvesse pesquisas e trabalhos sobre a obra de Lina. Ao mesmo tempo em que o acesso à documentação pode tornar-se parcial demais, tal possibilidade de pesquisa deve lançar indagações preocupantes sobre a conservação dos arquivos e o acesso à documentação de muitos outros arquitetos brasileiros e seus escritórios.

Se por um lado, a enorme produção de pesquisas sobre a obra de Lina Bo Bardi favorece a consolidação de perspectivas mais críticas, levanta indagações novas e traz problematizações sobre os espaços projetados e construídos, por outro lado, tem-se um fenômeno de massificação de sua *persona*. Estranhamente, Lina Bo Bardi, tomada como um assunto recorrente, aproxima-se da celebridade, da unanimidade. Mais que mero modismo acadêmico, interessa pensar o impacto que isso gera sobre a complexidade de sua obra. Assim, na premente circunstância de seu centenário, temos um pretexto oportuno para avaliar a situação de seu legado arquitetônico nas duas cidades em que a arquiteta atuou com mais intensidade: São Paulo e Salvador, e assim refletir sobre o vigor de sua presença. São Paulo foi a cidade em que Lina Bo Bardi e seu marido Pietro Maria Bardi se fixaram, pouco depois que chegaram ao Brasil em 1946, enquanto que Salvador foi uma cidade na qual Lina viveu e trabalhou em dois momentos distintos: 1958-64 e em meados dos anos 80, justamente antes e depois da Ditadura Militar.⁶

O seminário “*Centenário Lina Bo Bardi (1914-2014) – tempos vivos de uma arquitetura*”⁷, ocorrido em Salvador nos dias 3, 4 e 5 de dezembro, foi organizado justamente para criar uma situação de reflexão, debate e conversas sobre Lina Bo Bardi e sua obra. Se por um lado, aguardava-se um grande evento em São Paulo, por outro lado, Salvador também tinha legitimidade de realizar um

... continuação da nota 7...
Vide site: <cultura.ba.gov.br/2014/12/01/evento-de-tres-dias-celebra-centenario-de-lina-bo-bardi/>. Acesso em 21/04/2015.

⁸ O SESC-Pompeia foi recentemente tombado pelo IPHAN, no dia 05/março /2015.

debate que problematizasse e discutisse a obra e a presença de Lina Bo Bardi no espaço histórico da cidade e sua participação na dinâmica cultural em momentos marcantes da cidade. Tal debate foi revelador do interesse de amplas redes sociais e do aprofundamento de pesquisas recentes sobre Lina Bo Bardi, evidenciando menor resistência dentro do ambiente acadêmico local.

Longe da mera idolatria, tal debate também foi revelador da distância que hoje existe entre a importância acadêmica que Lina Bo Bardi adquiriu e a situação de conservação de sua obra arquitetônica na cidade. Quanto mais se debatia e mais se falava sobre as obras, seu legado, suas lições de arquitetura, etc, mais patente ficava o descuido e a falta de conservação da arquitetura de Lina na cidade de Salvador. Diante disso, a reação dos participantes de propor um abaixo-assinado no dia exato do centenário foi unanimemente encabeçada, mesmo que seu resultado não tenha correspondido a nossa expectativa. Mesmo reconhecendo seus limites, tal atitude demarcou um posicionamento coletivo diante da situação encontrada.

Figura 1: Solar do Unhão visto da Avenida Contorno, em 1999. Fonte: fotografia de Eduardo Pierrotti Rossetti.



LBB: revisited, reloaded

Na cidade de São Paulo a presença da arquitetura de Lina Bo Bardi se mantém presente principalmente através de duas obras: o MASP e o SESC-Pompeia.⁸ Ambas se apresentam como propostas arquitetônicas articuladas com contextos urbanos, contribuindo com a dinâmica urbana da cidade em momentos históricos distintos. Já em Salvador, há maior quantidade de obras arquitetônicas de interesse público, uma vez que os projetos de Lina Bo Bardi operavam integrados a um plano de recuperação urbana do centro histórico entre o final dos anos 80 e princípio dos anos 90. O interesse da arquiteta pela questão do patrimônio é uma constante e remonta a sua intervenção no Solar do Unhão, ainda nos anos 60, para tomá-lo como objeto de experimentação arquitetônica e transformá-lo num museu de arte popular.

Hoje, o Solar do Unhão é a sede do Museu de Arte Moderna da Bahia e mantém seu funcionamento como um equipamento cultural importante da cidade, com promoção de exposições e diversas atividades, com destaque para a concorrida *jam session* aos sábados, lotando o terreiro de gente

para ouvir jazz. Deste modo, promovendo convívio e integração com a cidade existente e com a paisagem, o Unhão permanece como primeiro marco da presença de Lina Bo Bardi em Salvador, cuja escada com encaixes de carro-de-boi é um paradigma. Em estado de conservação positivo, o Unhão mantém sua agenda e permanece ativo. Já o MASP, sede do Museu de Arte de São Paulo, que foi projetado concomitantemente com o Unhão tornou-se no-vamente objeto de intenso debate, desta vez, ao invés de obras de arte roubadas, a discussão foi pautada pela usurpação do espaço público que lhe dignifica singularmente, com grades e controle de acessos, fato que vem sendo questionado na atualidade.

É no contraste entre estes extremos que se pretende estabelecer uma reflexão sobre os processos de lembrar, esquecer, destruir e retomar a potencialidade latente de Lina Bo Bardi e sua arquitetura. Menos do que mera revisão, nossa abordagem *revisited* é crítica, sem nostalgia. Parafraseando Fernando Pessoa: não traremos estética, não falaremos em moral, não apregoaremos "*sistemas completos*", mas é necessário não tardar em encarar Lina Bo Bardi. A única conclusão não é morrer, mas saber que não estamos sozinhos neste enfrentamento, "*sem eterna verdade vazia e perfeita*", investigando a Lina Bo Bardi de outrora e de hoje. Assim, quiçá, tal abordagem possa ser também *reloaded!*⁹

Salvador, território de possibilidades

Se nos anos 60, Lina Bo Bardi entrevistou pontualmente em Salvador, com obras no Solar do Unhão e nas ruínas do Teatro Castro Alves, em meados dos anos 80, a arquiteta retornou a cidade da Bahia convidada pelo prefeito Mário Kértész para resolver um problema maior: estudar um plano de recuperação para o centro histórico da cidade.¹⁰ Neste momento, além de amigos baianos que apoiavam a iniciativa, Lina contou com uma equipe de arquitetos como seus colaboradores: Marcelo Ferraz e Marcelo Suzuki. Além deles, Lina Bo Bardi teve a oportunidade de contar com a colaboração do arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, que naquele momento experimentava soluções construtivas em argamassa armada e desenvolvia projetos para a Rede Sarah de hospitais.

No retorno a Salvador, a arquiteta encontrou o centro histórico em um estado de extrema degradação física, simbólica e social. O estado de conservação da arquitetura e dos espaços urbanos era tão calamitoso, que para Lina ele havia passado por um "*terremoto voluntário*". Sua intenção era formular uma solução de projeto que articulasse diferentes escalas, partindo dos edifícios, relacionando-os com os diversos pontos estratégicos do tecido urbano do centro histórico e, a partir daí, rearticular o centro com o restante da cidade. A proposta valorizava diferentes usos que possibilitassem a habitação e a convivência dos múltiplos estratos sociais, fato que já caracterizava a dinâmica de usos daquele território.

Assim, foi formulado um projeto de intervenção em escala urbana que propunha a recuperação da infraestrutura existente dos espaços públicos e a restauração dos edifícios do casario, destinados para usos residenciais, comerciais, institucionais e culturais. Para Lina Bo Bardi seria fundamental tratar o centro histórico como um lugar pulsante, pleno de vivacidade, mas não como uma paisagem artificial, como um cenário para mero deleite. Devido às circunstâncias políticas naquele momento o plano foi executado de forma rápida, fato que comprometeu uma maior participação da comunidade na sua elaboração e uma posterior defesa da sua consecução integral.

A proposta arquitetônica empreendida considerava soluções construtivas equivalentes para diferentes edifícios, valorizando a multiplicação de elementos e a otimização do canteiro que a técnica de argamassa armada poderia viabilizar. Assim, em um ambiente arquitetônico e urbano diversificado, optou-se por um rol de soluções técnicas com flexibilidade de adaptação, que também garantiria agilidade na reversão do processo de decadência, no afã de vencer a batalha contra a degradação urbana existente. O uso dos elementos de argamassa armada deveria operar como solução estrutural na consolidação de estruturas arquitetônicas ameaçadas, mas também atuar como elementos para solucionar vedações e paredes, suplantando as lacunas nas intervenções em edifícios do centro histórico.

Essas intervenções arquitetônicas aconteceriam em diferentes pontos do Centro Histórico, em lugares emblemáticos como o Pelourinho, a Praça

⁹ *Lisbon Revisited* de Fernando Pessoa (1923): <youtube.com/watch?v=Y1Y8iAk2yXw>

¹⁰ O Governo Mário Kértész (1986) implementou o Programa Especial de Recuperação dos Sítios Históricos de Salvador. Neste programa se inseria o projeto de Lina Bo Bardi. o Sobre o "Plano de Recuperação" de Lina Bo Bardi para o centro histórico, ver livro "Lina Bo Bardi", p.270-301.

da Sé ou a Praça Castro Alves, para exemplificar o potencial sucesso da grande empreitada. Como estratégia inaugural, para um desses pontos estratégicos formulou-se o *Plano Piloto da Ladeira da Misericórdia*, que à guisa de manifesto de intenções da equipe, constituiu-se como campo de experimentação prática das ideias projetuais. Na Ladeira da Misericórdia, situada próxima a Praça Municipal, havia uma série de edifícios desocupados e terrenos abandonados. As fachadas desses edifícios foram poupadas e seus interiores modificados, com a inserção de usos residencial e comercial. Nos terrenos abandonados foram construídos o Restaurante do Coati e o Bar dos Três Arcos para consolidar a inteireza de um conjunto urbano numa ladeira voltada para a baía, sem apresentar lacunas na paisagem.

Diante da possibilidade de replicar essas soluções técnicas em muitos edifícios do centro histórico, a proposta geral de intervenção também previu uma estratégia reformulação dos equipamentos públicos a serem implantados, a fim de revigorar a importância dos usos simbólicos que as atividades de uma área urbana central poderia abrigar. Para tanto, além da habitação, a proposta previa edifícios de uso cultural para fortalecer o caráter público e coletivo do centro histórico, que distribuídos com parcimônia em toda área urbana de intervenção, poderiam ativar o funcionamento de diferentes pontos da cidade por meio de suas atividades.

Considerando as matrizes culturais e sociais de origem africana da cidade foram propostas a *Casa de Cuba* e a *Casa do Benin*, em uma ampla perspectiva de construir espaços para consagrar as trocas —fluxos e refluxos— entre o Brasil e a África, incluindo a América Latina. Havia ainda uma casa destinada para a banda Olodum e outra casa destinada para sediar a Fundação Pierre Verger, mas somente a *Casa do Benin* foi implantada. Junto da Praça Castro Alves, na área da Barroquinha, foram implantados o Teatro Gregório de Matos e o Cinema Glauber Rocha. No ambiente público do complexo havia um bar com mesas e cadeiras ao ar livre. Para a igreja da Barroquinha —que já não tinha mais atividades litúrgicas— a arquiteta propôs inicialmente um centro comunitário para a população local, com salas de reuniões e espaços para oficinas, etc. Para o teatro a intenção era manter sua vocação com ênfase em peças musicais.

Na Praça da Sé, o vazio deixado pela demolição do templo nos anos 1930 foi reformulado como um *belvedere*, com mesas e guarda-sóis para permanência e apreciação da vista da Baía de Todos os Santos. A proposta de Lina Bo Bardi e sua equipe para o centro histórico previa espaços de permanência, fontes para se refrescar e previa um prosaico circuito de charretes para passeio, considerando a presença dos vendedores ambulantes em vários pontos do centro histórico, com banquinhas e barraquinhas para o comércio popular. Até mesmo a pavimentação do piso da área histórica receberia um tratamento diferenciado com pedras coloridas.

Salvador, território de perdas e interesses

Terminada a gestão Mário Kértész, o plano urbano para o centro histórico proposto por Lina Bo Bardi e equipe foi encerrado também. A partir dos anos 90 as intervenções no Centro Histórico de Salvador começaram a afirmar o caráter de cenário urbano voltado a fortalecer as atividades da indústria do turismo, com uma agenda de atividades, festejos e eventos que eram subsidiados em grande parte pelo Governo do Estado. Tudo isso fez resultar um espaço urbano estéril, artificial, sem viço de vitalidade urbana autêntica, muito distante do que foi vislumbrado por Lina e sua equipe. Do ponto de vista urbano, as intervenções que foram então realizadas não promoveram uma articulação entre os edifícios, não recuperaram uma escala de bairro e o sentido de pertencimento à cidade; tampouco possibilitaram a articulação de diferentes usos ou a permanência das populações que tradicionalmente residiam no local. Pode-se dizer que tal situação perdura até os dias de hoje, num processo de decadência urbana que se acentua diante da diminuição do patrocínio dos recursos do governo.

Atualmente, as propostas para as intervenções no centro histórico de Salvador permanecem imprecisas, sem muitos esclarecimentos e com poucas discussões entre os inúmeros setores da sociedade envolvidos. Mas há indícios de uma possível “*revitalização*” do local, promovida tanto pela esfera municipal quanto pela estadual. No plano municipal não há uma exposição clara das intenções da atual prefeitura. No plano estadual, houve um concurso para reformas pontuais para os largos do Pelourinho que ainda não foi de fato

11 LEITE & KEVISKY. Masterplan Estratégico para o Centro Antigo de Salvador.

viabilizada. Atualmente a mídia está difundindo a formulação de um *masterplan estratégico* formulado pela equipe paulista de Carlos Leite e Adriana Levisky.¹¹ O plano é apresentado de um modo bastante amplo e genérico, afirmando querer promover a sustentabilidade econômica e social do local, com a qualificação de espaços culturais e monumentais e estruturação de turismo cultural. Outro ponto apontado é a instalação de 8.000 moradias para diferentes classes sociais. Chama atenção que a existência de um plano de tamanha abrangência seja discutido de modo tão precário pela mídia e com tão pouca transparência, prescindindo da participação das instituições que trabalham com assuntos urbanos. Se não há esclarecimentos sobre a situação do centro histórico de Salvador, também não há esclarecimentos sobre o futuro dos seus edifícios, inclusive sobre aqueles projetados por Lina Bo Bardi. Ou seja, o destino das arquiteturas de Lina Bo Bardi em Salvador permanecem hoje como uma incógnita!

Como reação a tais dúvidas, recentemente, dia 8 de julho houve o evento "*Centro histórico de Salvador em debate*" na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia a fim de discutir os desígnios e o destino do centro histórico, incluindo não apenas os planos já elaborados e/ou sendo aventados, mas também considerando as recentes perdas patrimoniais na Ladeira da Montanha, decorrentes de fortes chuvas e da falta de conservação. Dentre os participantes houve um consenso sobre o forte estado de degradação física, econômica e social do centro histórico de Salvador. Também foi consensual o fato de que o centro histórico de Salvador é um território que perfaz cerca de 80 hectares e encontra-se segregado, permanecendo dissociado do planejamento urbano há décadas.

Outro ponto preocupante apontado é a falta de ação do poder municipal, e sua falta de articulação com os governos Estadual e Federal. Tal omissão agrava o quadro atual e dificulta articular iniciativas para proteção, recuperação e a gestão do centro histórico. Há uma longa história de intervenções contraditórias, sem consideração às demandas sociais, sem enfretamentos das questões estruturais que definiram o esvaziamento e a degradação da área. Se a estratégia dos anos 1990 era fortalecer atividades de turismo, transformando o espaço

histórico em atração seletiva de consumo, hoje há consenso de que o uso habitacional é o fator de reversão desta decadência, ao mesmo tempo em que o processo de elitização permanece em curso. O problema maior está na recuperação dos imóveis privados que estão inseridos no conjunto urbano histórico, que têm restrição na participação de programas como "*Minha casa, minha vida*".

Todo este debate que está atualmente transcorrendo em Salvador deve recolocar a questão: o que se entende por revitalização/recuperação do centro histórico? Antevê-se que é preciso agir, sob pena de maiores perdas decorrentes na falta de conservação. Entende-se também que hoje, uma possível intervenção no centro histórico de Salvador apresenta um caráter potencialmente diferenciado daquele proposto por Lina Bo Bardi e equipe, cuja experiência deve ser reconsiderada criticamente. No atual contexto, não se trata aqui de defender as soluções construtivas, ou as questões estéticas, mas o forte sentido de inclusão que havia no plano de Lina e equipe parecem ser ainda ser de grande valia para desdobramentos.

O discurso oficial manifesta a intenção de realizar um "*corredor cultural*" para conectar dois pontos importantes do Centro Histórico: a Praça Castro Alves e a Praça da Sé, por meio de parcerias público/privadas. Neste contexto, indaga-se: o que esperar deste processo de revitalização para as obras de Lina Bo Bardi? Estas obras serão incorporadas a um novo sistema de atividades e produtos para consumo de turistas? Ou serão recuperadas para serem tratadas como elementos exóticos num contexto urbano artificialmente mantido? As propostas de uso habitacional serão elaboradas com quais parâmetros técnicos e construtivos?

Após o final do mandato do prefeito Mário Kértész, o casario da Ladeira da Misericórdia que haviam sido restaurados foi ocupado por um grupo marginalizado. Depois, no decorrer do tempo esses ocupantes foram expulsos das casas. Uma das casas abrigou a *Fundação Onda Azul* e o restaurante Coati funcionou de modo intermitente. Atualmente a rua está fechada por dois portões com acesso restrito, controlado pela Prefeitura, que a utiliza como acesso para a sua sede situada na Praça Municipal e para o uso da guarda municipal. A Ladeira da Misericórdia encontra-se, assim, numa situação



Figura 2: Atual estado de conservação da Ladeira da Misericórdia: restaurante Coati completamente tomado pelas plantas. Fonte: fotografia de Ana Carolina Bierrenbach.

deplorável, totalmente isolada, com os edifícios abandonados e com escassos usos. Os casarões que foram objeto de intervenção de Lina e equipe aparentam pouco comprometimento arquitetônico, mas o restaurante está em situação mais delicada, porque está mais sujeito às intempéries, sendo tomado pelo crescimento incontrolável das plantas, por insetos e por animais que passam a ocupar seus espaços como tocas. As propaladas intenções de recuperação das casas e do restaurante são recorrentes. Mas como recuperar? Por que recuperar?

A Casa do Benin resiste apenas com um museu importantíssimo, com a possibilidade de retomar o intercâmbio com o país africano. Atualmente, a casa encontra-se novamente aberta ao público, mantendo no geral suas características formais iniciais, com apenas alguns elementos que destoam como a eliminação das palhas que recobriam os pilares no primeiro pavimento ou com a retirada das palmeiras do pátio. Contudo, na proposta original, a Casa do Benin tinha um caráter politicamente mais atuante, funcionando como um posto diplomático

avançado, onde estava instalada a residência do adido cultural, com espaços para receber estudantes, um restaurante de comidas africanas autênticas. Tratava-se de um projeto de intervenção mais complexo para revigorar os sentidos e os usos daquele imóvel. A Casa do Olodum perdeu seu viço de autenticidade cultural, como talvez a própria corporação musical que sedia. Seus espaços foram alterados, seus materiais modificados, transformado-se numa boutique, perdendo a sua força estética oriunda do material construtivo aparente, ora substituído por revestimento polido, enfraquecendo sua característica de despojamento espacial.

O *belvedere* da Praça da Sé, onde funcionava um bar com mesas e cadeiras debruçadas para Baía de Todos os Santos foi demolido em 1999 para se tornar um espaço estéril, que é escassamente utilizado. No seu lugar foi realizado um projeto do arquiteto Assis Reis, que se estrutura em dois níveis. Na parte superior, um piso de chapas metálicas define ambientes e percursos nos quais é possível caminhar sobre as ruínas da antiga Sé da Bahia, que foi demolida



Figura 3: Casa do Benin no ponto de fuga do Largo do Pelourinho, 2014. Fonte: fotografia de Eduardo Pierrotti Rossetti.

Figura 4: Casa do Benin: vista interna da área de exposição permanente. Fonte: fotografia de Ana Carolina de Souza Bierrenbach.

em 1933 para viabilizar a passagem das linhas de bondes! Na parte inferior, um balcão insípido limita o terreno, mas sem a inserção de nenhum elemento que estimule a permanência da população em um local com uma vista esplêndida, mas com um sol escaldante! Ali também se encontra o “Memorial das Baianas”, cujo espaço útil é ínfimo e de qualidade arquitetônica nula. O único elemento marcante é escultura da *Cruz Caída*, de autoria de Mário Cravo Jr.. Aqui também há poucas informações sobre o futuro desse espaço tão relevante para a cidade.

O complexo da Barroquinha passou por um processo de decadência acentuado, tendo suas atividades culturais escassas até justificar seu fechamento. Em 2008 o emblemático Cine Glauber Rocha reabriu suas portas. A Barroquinha passou por uma intervenção que alterou bastante a ocupação proposta por Lina Bo Bardi: o espaço de exposição foi articulado a um espaço de teatro. Já o Teatro Gregório de Mattos foi utilizado durante a década de 90, mas fechou suas portas em 2009. No seu interior encontram-se atualmente dezenas das cadeiras *Frei*

Egídio, desenhadas por Lina especialmente para o local. As obras que nele hoje transcorrem não alteraram significativamente sua espacialidade e materialidade. Pretende-se transformá-lo num espaço para apresentações musicais, bem de acordo com o que foi projetado nos anos 80, com previsão de abertura para os próximos meses.

Hoje o espaço da Barroquinha é objeto de uma das parcerias público/privadas —as chamadas PPP— com um banco que já gerencia o Cine Glauber. A intenção é que tal parceria recupere o espaço entorno do cinema, que por sua vez se conecta com a Barroquinha e com o Teatro Gregório de Mattos. Outro elemento que está sendo recuperado é a antiga escadaria lateral que conduz à Barroquinha, finalmente recuperada com um desenho impactante e pavimentação apropriada. Segundo os realizadores, a intenção é apenas organizar o espaço recuperando suas características e mantendo o uso de venda de produtos de couro nas tradicionais barraquinhas. Indaga-se se efetivamente isso vai acontecer? Até o momento não há indícios da retomada da escadaria

Figura 5: Cruz caída, obra de Mario Cravo inserida onde antes estava o belvedere de Lina. Fonte: fotografia de Ana Carolina Bierrenbach.





Figura 6 (topo): Barroquinha: largo reformado junto ao ex-Cine Glauber. Fonte: fotografia de Ana Carolina de Souza Bierrenbach.

Figura 7: Barroquinha: escadaria reformulada. Fonte: fotografia de Ana Carolina de Souza Bierrenbach.



Figura 8: Salvador, vista atual da Cidade Baixa. Fonte: fotografia de Eduardo Pierrotti Rossetti.

pelas barraquinhas de couro. Num terreno baldio posterior ao complexo, Lina havia projetado uma feira de ervas que nunca foi implantada. Contudo, o estacionamento que ali sempre funcionou deve permanecer. Em Salvador, como em qualquer cidade, privilegiar o automóvel em detrimento do transporte público eficiente está longe de ser uma postura contemporânea. Assim, perde-se um ambiente destinado ao uso popular e com boas articulações para percursos dos pedestres.

Ainda no espírito dos anos 90, de promoção de suposta recuperação a partir da indústria do turismo, existe a proposta de instalação de dois hotéis de luxo nas redondezas da Barraquinha. Um deles no antigo edifício do Edifício *A Tarde*, cuja obra está parada há tempos, mas que deve ser transformado no *Hotel Fasano*, projetado pelo arquiteto Isay Weinfeld. Outro é o antigo Palace Hotel, que está sendo recuperado com um projeto assinado pelo arquiteto David Bastos. Ou seja, o debate acadêmico aponta para uma perspectiva de ação e intervenção no centro histórico, mas contudo, as iniciativas e ações em curso apontam para direções opostas, mantendo e acentuando o processo de gentrificação, há muito tempo criticado.¹²

...aqui, tudo parece construção e já é ruína: mas até quando?

Nas atuais circunstâncias, os edifícios e espaços projetados por Lina Bo Bardi estão passando por uma série de intervenções que mudam tanto sua configuração física, como sua constituição simbólica e seus significados urbanos para a paisagem da cidade, bem como em seu sentido de lugar. Contudo, à guisa de respeito e atenção, muitas das intervenções parecem camuflar-se, confundindo e aludindo às intenções iniciais. Assim, além do *falso artístico* e do *falso histórico*, inventam-se outras falsidades! Entretanto, a essência dos projetos de Lina Bo Bardi há muito sucumbiu. As intervenções atuais nas obras arquitetônicas não almejam recuperar o caráter público ou a dimensão urbana e social que seus projetos sempre preconizaram. Diante deste quadro, pouco interessa aqui mitificar a obra de Lina Bo Bardi enquanto sua arquitetura produzida em Salvador desmorona, ou é demolida e desmontada. Muito pelo contrário. Entende-se que as arquiteturas de Lina Bo Bardi e equipe devem passar por novas intervenções que recuperem suas características e/ou que incorporem outros elementos que as tornem mais potentes, sendo fundamental que

¹² O livro "Pelo Pelô: história, cultura e cidade", publicado em 1995, já organizava um debate sobre este processo e consolidava críticas ao processo de elitização e valorização do turismo.

tais intervenções tenham qualidade arquitetônica. Também se considera que tais intervenções somente serão realmente válidas se forem capazes de recuperar a utilidade da sua arquitetura em uma perspectiva que, de fato, vislumbra uma cidade para todos, em que a apropriação e a vivência da dimensão pública do espaço urbano sejam práticas cotidianas e não excepcionais.

No processo em curso, as intervenções nos seus edifícios e espaços públicos do centro histórico de Salvador estão definindo uma situação em que as obras de Lina Bo Bardi ficarão inseridas num ambiente urbano que está sendo novamente reconfigurado de maneira artificial, excludente e desintegrada. Ainda hoje, chama a atenção a tenacidade com que essas poucas arquiteturas demarcam presença em meio a tantas transformações: elas resistem. Evidentemente não se trata apenas de um problema relacionado com a apropriação das obras de Lina Bo Bardi. Trata-se de implementar uma estratégia de planejamento urbano que extrapole os limites do centro históricos e que de acordo com os vetores políticos e/ou as instância de representação da sociedade detém sobre os desígnios urbanos, também poderia abranger outros bairros e outras partes da cidade.

A condução deste processo —bem como todas as ações de conservação e proteção da arquitetura moderna em Salvador, dentre as quais as obras de Lina Bo Bardi no centro histórico— apresenta desafios novos que podem ser inseridos na agenda própria que a longa experiência de intervenções que Salvador acumula. Assim, ao pensar num amplo território urbano com arquiteturas de diferentes séculos será possível também antever os parâmetros e redefinir os valores a serem estrategicamente estruturadores das ações que pensem seu futuro e seus desígnios. Parece elementar, mas vale recobrar: um centro histórico fez sentido para a cidade se, e somente se, ele possui significados e valores para seus cidadãos, se evoca e constrói sentidos de memória e participa da construção das identidades. Ou conforme Bandarin e van Oers apontam, há um consenso atual de que a conservação da paisagem urbana histórica constitui parte importante dos valores sociais e comunitários que definem a identidade, podendo promover a educação e o desenvolvimento econômico. O patrimônio urbano é hoje um poderoso suporte para processos de transformação.¹³

A proposta de intervenção de Lina Bo Bardi e equipe não deve ser simplesmente retomada como um referencial absoluto sobre as ações futuras no centro histórico. Contudo, é preciso reconhecer que se trata de uma proposta corajosa e ousada em que a arquiteta e sua equipe de colaboradores trabalharam com complexas questões de projeto, investigações tecnológicas e linguagem arquitetônica. O plano proposto tinha pressupostos econômicos, perspectivas sociais e uma estruturação política para sua gestão, com potencial de desdobramentos para outros tecidos urbanos da cidade. Entre os desenhos de caráter mais lúdico e os domínios da técnica da argamassa armada, tratava-se de uma proposta séria e consequente, que demandaria ações contínuas de manutenção e expansão de seu alcance. Neste sentido, tal plano deve ser reconsiderado criticamente, sem incorrer em nostalgia para olhar a cidade atual. Não basta lembrar, esquecer, destruir e pretender retomar.

Portanto, neste sentido, comemorar o centenário de Lina Bo Bardi é uma oportunidade de rever seriamente os rumos ora traçados para a cidade de Salvador e para seu Centro Histórico, convocando o conhecimento para estabelecer uma agenda de compromissos, estudos e discussões com ampla cobertura e debates. Por tudo isso, a obra de Lina Bo Bardi permanece latente no horizonte do campo brasileiro como uma constante para pensar sobre nossos próprios desafios e nossos próprios dilemas. Trata-se de empreender um conjunto de ações oportunas, que não se percam no oportunismo da efeméride e venham reverter o quadro da cidade atual, pra não ser igual! Parafraseando a epigrafe inicial de Shakespeare indaga-se se diante dos defeitos que ela (Salvador/Lina Bo Bardi) tem, ela (Salvador/Lina Bo Bardi) será tomada ou abandonada?

Referências bibliográficas

- BANDARIN, Francesco & VAN OERS, Ron. *The historic urban landscape. Managing heritage in an urban century*. Londres : Wiley-Blackwell, 2012.
- BIERRENBACH, Ana Carolina de Souza. *El caracol y el lagarto. Abstracción y mimesis en la arquitectura de Lina Bo Bardi*. Barcelona, ETSAB/UPC, Tese Doutoral, 2006.
- BIERRENBACH, Ana Carolina de Souza. *Os Restauros de Lina Bo Bardi e as interpretações da História*. Salvador, PPG-AU/FAUFBA, Dissertação de Mestrado, 2001.

¹³ BANDARIN & VAN OERS. "The historic urban landscape. Managing heritage in an urban century.", especialmente capítulo 6.

- Cidadela da liberdade*. São Paulo: SESC/Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1999. Catálogo da exposição.
- FERRAZ, Marcelo (org). *Lina Bo Bardi*. São Paulo: Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, 1993. 1ª. Ed.
- FILGUEIRAS GOMES, Marco Aurélio Andrade de (Org.). *Pelo Pelô: história, cultura e cidade*. Salvador: EdUFBA, 1995.
- LEITE, Carlos; KEVISKY, Adriana. *Masterplan Estratégico para o Centro Antigo de Salvador* in ArchDaily. Disponível em <archdaily.com.br>. Acesso em 21/08/2014.
- Lisbon revisited* (1923). Fernando Pessoa (heterônimo Álvaro de Campos), declamação de Antonio Abujamra. Disponível em <youtube.com/watch?v=YIY8iAk2yXw>. Acesso em 23/08/2014.
- PESSOA, Fernando. *Poesias*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. *Arquitetura em transe. Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas e Lina Bo Bardi: nexus da arquitetura brasileira pós-Brasília [1960-85]*. São Paulo: FAU-USP, Tese de Doutorado, 2007.
- ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. *Tensão moderno/popular em Lina Bo Bardi: nexos de arquitetura*. Salvador: PPG-AU/FAUFBA, Dissertação de Mestrado, 2002.
- STEVESN, Garry. *O Círculo privilegiado. Fundamentos da distinção social arquitetônica*. Brasília, Ed. UnB, 2003.